



## Bolsonaro sob a ótica do jornalismo literário

**Boanerges Balbino LOPES FILHO<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF.

**Resumo:** O artigo tem como objetivo geral identificar a presença de características do jornalismo literário em obras publicadas sobre temas que circundam o atual presidente eleito em 2018. Busca-se, assim, observar, descrever e compreender determinadas nuances e, por inferências pontuais, dispor aos leitores esclarecimentos de como se situa a conjuntura vigente no país. Para tanto, procura-se perpassar obras que auxiliem na compreensão de fenômenos políticos ocorridos na realidade brasileira recente que vão além das notícias factuais da mídia impressa, dos portais, sites e redes sociais e incorporam-se às narrativas da literatura. Assim, pretende-se auxiliar, inclusive, na definição, distinção e peculiaridades que envolvem desde a persona Bolsonaro ao movimento que o circunda, denominado por determinados segmentos midiáticos e reconhecido por parte da sociedade como bolsonarismo.

**Palavras-chave:** conjuntura; política; jornalismo literário; Bolsonaro; bolsonarismo.

### 1. Introdução

Mais de 1,5 milhão de brasileiros se informam através dos meios digitais. Algo próximo a 11% da população usa sites, aplicativos e redes sociais para se inteirar das notícias. É o que aponta pesquisa do Target Group Index, do Ibope<sup>2</sup>, publicada em abril deste ano. O estudo demonstra ainda que 37% da população das grandes cidades e áreas metropolitanas lê jornais diariamente para se manter informado.

---

<sup>1</sup> Jornalista e professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Autor de livros, doutor e mestre em Comunicação pela UFRJ e Umesp. E-mail: [bblopes@globocom](mailto:bblopes@globocom)

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/nada-sera-como-antes-adaptar-se-as-mudancas-fara-a-diferenca-apos-a-pandemia-de-covid-19-diz-kantar/> Acesso em: 20/7/2020.

Se o retrato é aparentemente positivo para as opções informativas factuais não se pode dizer o mesmo da leitura de livros. Ao observarmos dados da 4ª edição dos Retratos da Leitura no Brasil - o maior e mais completo levantamento sobre o perfil leitor brasileiro em que foram ouvidos mais de cinco mil entrevistados, em 317 municípios nacionais - promovida pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo IBOPE Inteligência, divulgada em maio de 2016<sup>3</sup> – a próxima edição está prevista para este ano – há pouco a comemorar. Da média anual de leitura cuja elevação foi de 4,0 para 4,96 apenas 2,43 livros foram lidos do começo ao fim. Outro dado preocupante: entre os brasileiros acima dos 70 anos, apenas 27% afirmam ler livros. Bem como na faixa de 40 a 49 anos, 50% se declaram não leitores. Desanimador, não?

O governo Bolsonaro atingiu a marca de 590 dias na quarta-feira, 15/7. Representa um período consolidado de atuação da gestão presidencial no país. Mas ainda pouco conhecido em suas origens, minúcias, bastidores e posicionamento para o futuro. As obras relacionadas e apresentadas neste artigo constituem o que pode ser denominado como um tour de force – ou seja, termo que aponta para uma situação que exige seleção rigorosa, empenho e determinação – que envolve o jornalismo literário e sua aproximação com a realidade política vigente.

Fonte inesgotável de informação, em que na maioria dos casos traz a versão mais completa – ou ampliada - do que se considera notícia, o jornalismo literário, na opinião de Wise (2013), proporciona ganho ao leitor, já que não fica reduzido apenas ao conteúdo básico de matérias do cotidiano. De acordo com a autora, o gênero recebe uma carga significativa de elementos para uso intelectual, emocional ou mesmo cognitiva, propiciada pela humanização. O que pode ser um poderoso instrumento capaz de incrementar a capacidade de empatia, sabidamente a característica fundamental da inteligência emocional. Assim, segundo a jornalista e pesquisadora, é possível estabelecer que:

O jornalismo é fato da realidade. A literatura, da realidade somada à ficção. O jornalismo literário, logo, é uma miscelânea de ambos. Cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. Esse trinômio ali-

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf) . Acesso em: 20/7/2020.

cerça e ornamenta o texto que é levado ao leitor. E o jornalismo, enquanto retrato fiel da realidade inspira a literatura, esta, em escala menor, também acresce ao mesmo (WISE, 2013)

Desde Amoroso Lima (1969), responsável por identificar o jornalismo como um gênero literário, a Eduardo Rocha (2003), que o apresenta como uma especialização jornalística e utiliza as técnicas e a linguagem literária para relatar os fatos, com mais profundidade, utilizando técnicas da literatura que deixam o texto mais completo (em detalhes, descrições e, conseqüentemente, mais envolvente e sedutor de se ler), o conceito tem sido ampliado e de certa maneira se apresenta divergente em suas referências e concepções. Tanto que Martinez (2017) aponta que se trata de um campo em construção, cuja riqueza é justamente a pluralidade de vozes. A pesquisadora explica as oscilações, em que pelas obras e autores, algumas vezes em acordo e convergências; em outras, dissonantes; mas todas, estimulantes no sentido de não se contentarem com receitas de investigação comuns e, conseqüentemente, produzirem achados interessantes. Segundo a pesquisadora, para fins argumentativos, podemos propor que é justamente esta porosidade conceitual o segredo do sucesso da práxis e do pensamento sobre Jornalismo Literário. O que respalda o percurso pensado e estruturado, delimitado pela escolha dos livros e, a revisão bibliográfica a ser trilhada nestas reflexões.

Mas para que o jornalismo literário seja compreendido de fato, justifica-se inicialmente apresentar como Wise (2013) entende o conceito. Ou seja, que é preciso realizar uma dissecação pormenorizada do que é jornalismo de fato e do que é jornalismo com influência da literatura. Para tanto, ela estabelece a seguinte distinção:

No primeiro caso, a prioridade é informação básica, essencial, fundamental à compreensão do que se quer noticiar. Variáveis como prazo e espaço disponível pressionam o profissional e o próprio veículo de mídia impressa a enxugar texto e tempo para que a informação se adeque à necessidade do leitor e cumpra sua missão primordial de informar. Já o jornalismo literário traz consigo não só uma notícia, mas também uma história. A informação ganha companhia de adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico. Este estilo de informar tem aspectos que o tornam, sem exageros, nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. Por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo (WEISE, 2013).

A utilização metafórica feita por Pena (2008, p. 13), denominada “estrela de sete pontas” nos permite compreender também que o jornalismo literário se caracteriza justamente por extrapolar os limites das ocorrências cotidianas, O jornalista, professor e pesquisador é didático em citar a metáfora como exemplo:

A primeira característica é a de potencializar os recursos do jornalismo e com isso constituir novas estratégias profissionais. Na segunda, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ou seja, romper os limites do tempo. A terceira ponta da estrela fixa-se em proporcionar uma visão ampla da realidade. Ou seja, contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. A quarta característica é a de exercer a cidadania. É dever do jornalista o compromisso com a sociedade. A quinta, romper com as correntes do lead; a sexta evitar os definidores primários. E a sétima, a perenidade na busca pelos fenômenos (PENA, 2008).

A perspectiva sinalizada por Martinez (2017), aponta que no conjunto do arcabouço que sustenta o conceito, as histórias de vida se constituem o cerne do Jornalismo Literário. Destaca-se, assim, um notável exercício de alteridade que se estende à relação com a comunidade e/ou a sociedade. A pesquisadora diz que no caso brasileiro, a tentativa de compreensão das relações com os respectivos “cosmos” permite a integração pelas abordagens vinculadas às sutis camadas dos imaginários que cada ser humano está inserido, conscientemente ou não, mas também as percepções, aberturas e negações ligadas aos mistérios inerentes à vida humana – que, aliás – ressalta -, jamais serão passíveis de explicação reducionistas e absolutas.

## **2. Tour de force não só de uma persona**

Dentro dessa perspectiva, a intenção do estudo sinaliza e perpassa pela leitura exploratória, algumas obras que podem auxiliar na compreensão de determinados fenômenos políticos ocorridos na realidade brasileira recente. Dos que se situam além das notícias factuais dos portais, sites e redes sociais: incorporam-se às narrativas da literatura.

Podem ajudar, provavelmente, até na definição ou distinção entre a persona Bolsonaro e o movimento que o circunda, denominado de bolsonarismo<sup>4</sup>.

O percurso aqui proposto de sugestão de leituras – jamais pensado como “receita de bolo” - vai da escrita de um extenso perfil de Bolsonaro e de uma “eleição disruptiva”, em 2018, isto é, aquela “que desorganizou e alterou de forma ríspida os padrões, os atores, as referências de competição partidárias vigentes”, de acordo com o jornalista Maurício Moura, com passagem pelo livro-reportagem do jornalista Cesar Calejon e as cinco grandes forças que segundo ele motivaram o impulso de Bolsonaro: o antipetismo, o elitismo histórico, o dogma religioso, o sentimento de antissistema e o uso de novas ferramentas e estratégias de comunicação; ao esforço do recém-falecido jornalista e escritor Luiz Maklouf Carvalho, ao debruçar-se na volumosa documentação do processo e das mais de cinco horas de áudio da sessão secreta de arquivos do STM e das entrevistas com personagens que atuaram no caso, entre jornalistas de Veja e militares ligados ao convívio de Bolsonaro.

### **3. “Mais berro que argumento”**

Farto em curiosidades, das que revelam um Bolsonaro fã de Chávez e malvisto no Exército às que indicavam uma candidatura considerada por alguns uma piada, o jornalista Clóvis Saint-Clair, autor do livro “Bolsonaro, o homem que peitou o Exército e desafia a democracia” trata a obra como um grande perfil, e não como uma biografia, em que descreve a trajetória do atual mandatário do país desde a infância ao “fenômeno

---

<sup>4</sup> Por sua natural complexidade e utilização muito recente, o termo é utilizado no sentido apresentado por Franco (2018), se afigura como um comportamento político e não uma doutrina, em que compõem o denominado “bolsonarismo” – com a ressalva de que não se pode usar o termo ‘bolsonaristas’ para designar, como se fossem a mesma coisa, os apoiadores de Bolsonaro em toda a sua diversidade -, aqueles ditos antiglobalistas conspiracionistas e anticomunistas macarthistas (como os olavistas), os monarquistas tradicionalistas e religiosos fundamentalistas (tipo TFP), os militaristas-intervencionistas e os jacobinos antagonistas defensores da antipolítica da terra arrasada. A estes se juntam legiões de jovens jihadistas, com pouco trato intelectual e nenhuma experiência política democrática, que funcionam como correias de transmissão dos primeiros nas mídias sociais e que tomam a disputa política como uma espécie de guerra religiosa. Ainda de acordo com Franco, bolsonarismo não é a mesma coisa que a “representação de Bolsonaro”. Ele se expressa agora, contingencialmente, através do populismo, mas o núcleo duro (digamos, filosófico ou ideológico) do seu pensamento é pior do que isso. É um desaguadouro de correntes francamente antidemocráticas (ou i-liberais).

das redes sociais” que o projetou a presidência do Brasil. Uma história de vida delineada.

A investigação se desenvolveu por seis meses, mesclou declarações à mídia, entrevistas, falas de parlamentares e um esforço para “contextualizar as falas, transcrevê-las exatamente como ocorreram e trazê-las para o lado racional da discussão”, diz o autor. O livro tem o mérito de realizar um compilado da trajetória do presidente. Para o jornalista, Bolsonaro trabalha, no discurso, no nível da emoção: “mais berro do que argumento. É uma política da imagem, não do discurso – e ele explora isso muito bem.”

#### **4. Inspiração americana**

“Os presidentes: a história dos que mandaram e desmandaram no Brasil, de Deodoro a Bolsonaro” é uma obra inspirada na série de podcasts desenvolvida pelo jornalista Rodrigo Vizeu ao longo de 2018 que ganhou uma adaptação impressa. Cada episódio retrata a carreira de um presidente brasileiro, em ordem cronológica. O formato inspirado em *Presidential*, série de podcasts do jornal americano *The Washington Post* e aqui baseada no podcast *Presidente da Semana*, programa de áudio da *Folha de S. Paulo*.

São 33 capítulos, em que cada texto envolve aspectos políticos específicos, com episódios pouco conhecidos do público em geral: auxiliam a entender melhor as personalidades. Vizeu destaca a relação ambígua predominante em que o cinismo em relação à classe política gera desconfianças também quanto à Presidência. A história do país é de rupturas democráticas, enfatiza o jornalista, o que recomenda muita cautela em relação aos mandatários. Lembra que no geral, se destaca a tradição: relações entre governantes e eleitores aos moldes de pais e filhos estimula o surgimento de “salvadores da pátria”. São os “relatos imersivos e envolventes”, de que trata Martinez (2017).

#### **5. O “discurso trash” na disrupção**

A tentativa de explicar o resultado das urnas com simplicidade por meio de duas perguntas essenciais: 1) Quais eram os principais anseios do eleitor? e 2) Como esse eleitor estava se informando?, está na base do mérito do livro do jornalista Maurício Moura e do fotojornalista Juliano Corbellini, “A eleição disruptiva – Por que Bolsonaro venceu”, obra em sete capítulos que ilustra como a força eleitoral de Bolsonaro era evidente bem antes do início da campanha. Não à toa, Maurício Moura antecipou o favoritismo do atual presidente em entrevista ao jornal El País em fevereiro de 2018.

Dados estatísticos utilizados – por exemplo, a mobilização orgânica do bolsonarismo que, na última semana do primeiro turno, chegou a impactar 40 mil grupos por dia e, possivelmente, 28 milhões de indivíduos ou a facada no então candidato como evento propagador no mundo digital – em pouco mais de duas horas desde a agressão, o nome de Jair Bolsonaro recebeu mais de 380 mil menções na web, considerado um evento inédito nesse universo - da IDEIA Big Data, startup de consultoria em opinião pública. Mas os autores comparam a disputa presidencial de 2018, a um roteiro de um thriller político, em que a verossimilhança se confunde com a realidade. Segundo eles, as investigações empreendidas pela força tarefa da operação Lava Jato, cujas conclusões embasaram as acusações de Sergio Moro e que culminaram na prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, auxiliaram bastante ao espetáculo quase que diário pelos meios de comunicação e definiram o incentivo a um forte sentimento anti-política e anti-petismo. O que ao final das contas, na opinião de ambos, “foi o depositário do eleitor difuso que é esse eleitor da Lava Jato, o eleitor anti-política”. De acordo com Martinez (2017), o Literário compartilha a necessidade de apuração criteriosa do fato – não se admite invenção –, bem como a ética nas relações com fontes e leitores.

## **6. A ascensão do bolsonarismo**

O que são escolhas políticas? Quem as faz? O que se entende por política atualmente?, são algumas das perguntas que norteiam o livro “A Ascensão do Bolsonarismo no Brasil do Século XXI”. Em capítulos organizados cronologicamente, o livro-reportagem se desenvolve no sentido de permitir aos leitores perceberem que há uma

nova estrutura política desde que Bolsonaro saiu-se vencedor nas urnas. Para Cesar Calejon cinco grandes forças motivaram a votação maciça de Jair Bolsonaro: o antipetismo, o elitismo histórico, o dogma religioso, o sentimento de antissistema e o uso de novas ferramentas e estratégias de comunicação. Elementos, que de acordo com o jornalista, “seguem presentes e têm sido usados para fazer a manutenção do governo, até porque é uma proposta de gestão federal totalmente vazia. Enquanto estadista ele conhece muito pouco, por sua trajetória como deputado do baixo clero durante 30 anos”.

A obra apresenta dados e recursos que permitem contrapor afirmações tão recorrentes pelas redes sociais, como por exemplo, a de que o PT quebrou o Brasil. Calejon é categórico:

Em última análise a despeito da narrativa oficial, usada no impeachment da Dilma Rousseff, em 2016, não resiste à análise dos dados. As reservas internacionais estavam em US\$ 370 bilhões, número elevado que se destacava. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e o índice de GINI (usado para medir a desigualdade dentro do país), nunca foram tão bons. (CALEJON, 2019)

O repórter fotográfico Adriano Vizoni é coautor da obra com imagens significativas registradas durante o período como colaborador do jornal Folha de S. Paulo. Tal como Wolfe (2005), observa-se ao longo dos capítulos, a construção cena a cena; o uso de diálogos; os símbolos de status de vida e, mais difícil de ser encontrado, o ponto de vista flexível.

## **7. O cadete e o capitão**

De acordo com o consultor em comunicação Mario Rosa, em artigo publicado em 23/8/2019 no portal Poder 360, “O cadete e o capitão” é leitura obrigatória para decifrar o “mito”. A vida do atual presidente, suas origens, a infância, trajetória militar, e o incidente de repercussão que permitiu o ingresso na vida pública, são peças-base do relato fartamente documentado, o que permite definir o que jornalismo literário pode ter de melhor.



O “cadete 531”, apelidado de “Cavalão” vai sendo desnudado no transcórre da obra, com passagens lembradas que envolvem o artigo publicado em meados dos anos 1980 por Bolsonaro pela revista Veja em que reclamava dos baixos soldos pagos aos militares e pela reportagem que apontava um plano, elaborado por ele e outro militar de detonar bombas em locais estratégicos do Rio de Janeiro (quartéis e a Adutora do Guandu).

A maior preciosidade do livro, segundo alguns resenhistas e naquilo que o próprio autor desvenda, está na base dos julgamentos pelos quais o atual presidente enfrentou na época. Tudo devidamente documentado pelo Superior Tribunal Militar. Por exemplo: uma interpretação enviesada em que após ser condenado por unanimidade (3 a 0) pelo Exército no chamado Conselho de Justificação, foi inocentado por 9 a 4 pelo Superior Tribunal Militar, é apontada por Maklouf como distorção jurídica comprovada.

O disparate entre as sentenças e os detalhes de como os episódios ocorreram estão comprovados no livro do jornalista, profissional que faleceu recentemente após luta contra um câncer. Para a pesquisadora, uma vez selecionados, os dados, ressignificados pelo profissional experiente, passam pelo crivo de uma redação com técnicas provenientes da literatura e que permitem criar um relato não-ficcional envolvente, o que leva a compreensão aprofundada do tema. (MARTINEZ, 2012, p.120).

## **8. A tormenta do governo**

Divulgar histórias de bastidores do primeiro ano do governo do presidente Jair Bolsonaro, é a proposta do livro “Tormenta – O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos” da jornalista Thaís Oyama. Dá conta? Caberá ao leitor decidir. Mas inegável que a obra deixa claro quais são as forças em disputa entre as colunas e paredes do Palácio do Planalto e de que forma afloram convicções e os temores — reais e imaginários — que influenciam os responsáveis pelos rumos do país. Com detalhes, segredos dos gerais que o cercam no Palácio, intrigas que perpassam as instâncias de poder e peculiaridades auxiliam a situar leitores ao longo dos atribulados 365 dias de gestão em 2019.

Das curiosidades observadas pela jornalista em diversas entrevistas com políticos, militares e pessoas próximas à família, destaca-se o modo imprevisível que cerca o presidente – por tabela, integrantes de sua família - na maneira como governa o país: algo que beira à paranoia em certos momentos. Thaís escreve que tanto pai quanto filho, neste caso, Carlos Bolsonaro, sofrem de mania de perseguição. De acordo com a obra, o “zero dois” (assim o presidente se refere ao filho), usa remédios para controle do humor. Em outro trecho da obra, a jornalista lembra que Bolsonaro, quando deputado e residente em apartamento no setor Sudoeste de Brasília, praticamente não bebia água da geladeira quando chegava em casa. Preferia consumir da torneira com medo de ser envenenado. Os detalhes que transpõe a realidade de forma fiel para o papel, através de uma escrita cuidada e narrativa, algo ‘intemporal’, enfatizam histórias que “ficam conosco”, na opinião de Kerrane (1997), já que são desenvolvidas com uma escrita mais imersiva e humana.

## 9. “Um novo monstro”

Um panorama da história econômica e política do Brasil desde o momento da redemocratização em uma síntese política é o que apresenta o historiador e ensaísta marxista inglês, Perry Anderson, em cinco ensaios que compõem a obra (publicados originalmente na London Review of Books) “Brasil à parte”. Os textos revelam a percepção do autor ao longo de períodos-chave do Brasil, do Plano Real ao impeachment de Dilma Rousseff. A edição inclui, ainda, uma introdução e um epílogo que analisam os primeiros meses de Bolsonaro no poder.

“Baforando fogo, Bolsonaro pôde ganhar uma eleição”. Frasista de mão cheia, Anderson destaca que a chegada ao poder do novo grupo marca uma alteração significativa na geografia do poder no Brasil. Segundo o autor, até o momento não há praticamente nenhuma infraestrutura organizativa montada como também “o círculo composto” pelo próprio Bolsonaro, seus filhos e a “entourage imediata” não enfrenta nenhuma oposição “em massa a ser esmagada”. Ao denominar o presidente brasileiro como “um novo monstro” da política mundial, associa seu desempenho aos de “líderes-ogros” como Trump, Le Pen, Salvini, Orbán e Kaczynski. Coutinho (Mendes apud Bak e Reynolds,

2011) entende a ‘reportagem-literária’, como um contato com a realidade, do tipo, um “olhar de romancista, mas que se configura pela disciplina jornalística”.

## **10. Bolsonaro, o mito e o sintoma**

O presidente da República, Jair Bolsonaro, afirma-se como um dos principais propagandistas da cloroquina no mundo. Sem exageros. Defensor do medicamento, que tem sido não recomendado pelas principais autoridades da área de saúde para o tratamento do Covid-19, ele vivenciou uma cena, no mínimo inusitada no domingo, 19/7, ao erguer uma caixa do produto perante apoiadores que se aglomeravam em frente ao Palácio da Alvorada, em Brasília. Como se fosse uma taça levantada por um capitão em uma final de competição, obteve aplausos de uma plateia delirante, e os gritos ecoaram: "cloroquina, cloroquina!".

A cena, segundo Rubens Casara, doutor em Direito, mestre em Ciências Penais e juiz de Direito do Tribunal de Justiça do RJ, demonstra cabalmente a substituição do conhecimento científico pelas crenças estabelecidas sem qualquer rigor ou metodologia. Casara entende que o momento caracteriza o empobrecimento do sujeito, marca própria da racionalidade dominante, ocasião em que a verdade obtida pelo trabalho do cientista é fragilizada pela postura dos negacionistas.

Casara, que também é membro da Associação Juízes para a Democracia – AJD, lançou recentemente pela editora Contracorrente o livro “Bolsonaro: o mito e o sintoma”, em que expõe por um texto claro e fundamentado, pontos que envolvem as condições que possibilitaram a amplitude da campanha bolsonarista e seu “pensamento empobrecido”, facilitador para que um significativo contingente da população brasileira incorporasse a lógica neoliberal. Ou seja, aquela que, na opinião do autor, trata de ideias e sujeitos como mercadorias, e levaram ao apoio de um governante de feição explicitamente autoritária. Como bem prefacia o jurista, professor e editor, Rafael Valim: "Nesta obra ele procura mostrar como uma massa de brasileiros foi convencida a votar numa

pessoa tão despreparada para presidir a nação, e como chegamos a esse momento tão difícil da democracia no Brasil".

Ao se percorrer os vinte capítulos do livro percebe-se o fio condutor centrado na questão do neoliberalismo e suas implicações diretas com o bolsonarismo. Capítulos como “A Nova Obscuridade”, “Propaganda Bolsonarista”, “A paranoia como condição de possibilidade do Bolsonarismo”, “O desejo por autoritarismo”, “A ignorância como matéria prima”, “A revolução cultural Bolsonarista”, e o “O Bolsonarismo Judicial: a tradição autoritária e o modo neoliberal de julgar”, entre outros, vão se intercalando de maneira ágil e prazerosa, o que permite uma leitura temática e ao mesmo tempo associada ao conjunto da pesquisa que vem sendo desenvolvida por Casara há alguns anos, com obras publicadas em momentos anteriores, como o “Estado Pós-democrático” e “Sociedade sem lei”.

O bolsonarismo pode ser definido, no entendimento de Casara, como um sistema de pensamento paranoico, em que certezas delirantes como o terraplanismo, o marxismo cultural e o complô comunista se misturam com senso comum, preconceitos e xingamentos para justificar e reforçar a ignorância e o culto à violência dos seus discípulos e seguidores.

O autor aponta para as *fake news* como um dos sintomas desse registro ideológico. “A divulgação deliberada de notícias falsas ou distorcidas serve para reforçar preconceitos e noções mentirosas da realidade, mas também para orientar de maneira significativa as decisões individuais, sobretudo para manipular a cena política e eleitoral. Mais do que mera desinformação, são o resultado de um trabalho de engenharia comunicativa, social e ideológica que visa reforçar certezas delirantes, em especial para aqueles que estão predispostos a confirmar seus preconceitos, medos e visões distorcidas da realidade”, analisa.

Não à toa, é perceptível no livro que todo o fenômeno bolsonarista é construído a partir de um mito que, por sua própria natureza, dispensa qualquer base empírica ou

racional. E não por acaso, o mentor ideológico do bolsonarismo, o ex-astrólogo Olavo de Carvalho, também é observado em um dos capítulos como o responsável pelo discurso que forma um todo coerente a partir de certezas delirantes (que não guardam relação necessária com a facticidade e o valor “verdade”), mitos e sofismas. Casara, de maneira pertinente, chama atenção para as conclusões do ideólogo do bolsonarismo, já que segundo ele, partem de premissas erradas e crenças que desafiam o conhecimento produzido e acumulado pela civilização, o que explica o anti-intelectualismo (visível no ataque às vozes independentes de oposição na academia), inerente à personalidade autoritária de uma pessoa que se autoafirma como filósofo e professor.

Para Eduardo Newton, defensor público do RJ, mestre em direitos fundamentais e novos direitos pela UNESA, Rubens Casara demonstra que Bolsonaro permite o desnudamento de sérios problemas ainda aferidos na sociedade brasileira e que foram agravados com o neoliberalismo autoritário.

Ao revisitar algumas questões abordadas em obras anteriores, Rubens Casara reforça e expõe como determinadas questões são “vendidas” à população, sempre ao gosto dos proprietários dos meios de comunicação de massa, e não atingem as elites econômicas. Lembra o “combate à corrupção”, tema que de certa maneira auxiliou na eleição de Bolsonaro e permanece proporcionando espetáculos, rapidamente transforma políticos amados em odiados, inquisidores em heróis, já que se apresenta como mercadoria que possibilita todo tipo de distorção e manipulação afetiva do público:

Em especial daqueles que abandonaram qualquer reflexão e se eximem da faculdade de julgar em razão das informações, em regra parciais, por vezes deliberadamente equivocadas, que recebem dos conglomerados empresariais que produzem ‘jornalismo’ (CASARA, 2020)

Diante de tantas condições adversas que surgem ao longo da obra – a guerra híbrida, a construção de inimigos, internos e externos, o fim das solidariedades, o poder das finanças, o empobrecimento da população, o aumento crescente das desigualdades, entre outras -, um certo alívio se dá ao lermos o último capítulo, “Pensar em alternativas”, em que Casara garante que não é impossível superar o neoliberalismo – e conse-

quentemente o bolsonarismo -, ao se buscar uma racionalidade, uma normatividade e um imaginário do “comum”, daquilo que vale por ser construído “por” e “para” todos. Daquilo que, por ser comum, é inegociável. “É preciso insistir na força do comum, demonizar a palavra e refundar o conceito como objeto da política”. É o que observamos no relato de Casali: Marcado por um ponto de vista pessoal e autoral sobre a realidade, o texto é uma mescla de jornalismo, literatura e história visando sempre a responsabilidade e os princípios morais.

## **11. Considerações Finais - Devolver à verdade a verdade**

No entender de Martinez (2017), “talvez, neste campo das referências, além do estudo sério do assunto e do acompanhamento das novidades, seja importante certa serendipidade, isto é, se deixar ser surpreendido por material de qualidade onde não se esperaria encontrá-lo”. Cita o caso de Eliane Brum, jornalista que em palestras, costuma revelar que é uma leitora voraz de tudo, incluindo caixas de cereais e bulas de remédio. “É esse olhar curioso que permite identificar ângulos novos em cenários conhecidos”, garante. A liberdade temática é algo atrativo na maneira de entender melhor os fenômenos ocorridos no mundo e suas razões. O estilo se destaca ao tornar públicos os acontecimentos contemporâneos, ao impulsionar relevância sobre os temas.

Ao fazer referência a uma expressão usada pelo povo indígena Guarani Kayowá, ‘palavra que age’, a também escritora Eliane Brum, autora do livro “Brasil, construtor de ruínas – um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro”, diz que a palavra precisa voltar a agir no Brasil. Segundo ela, o maior desafio do Brasil de hoje é devolver a verdade à verdade: “É voltar a reencarnar a palavra e ser capaz de tecer o ‘comum’.” Eliane reconhece que inevitavelmente o bolsonarismo representa uma parcela dos brasileiros. Mas ressalta que talvez tenha chegado o momento de compreender que, diante de tal conjuntura, é preciso fazer algo muito mais difícil: considerar o Fazer como imperativo ético.

Parece que se depender de parte dos leitores, principalmente aqueles de livros do segmento de política, esse fazer é possível. Segundo dados da Nielsen Bookscan, feita a

pedido do jornal Estado de São Paulo, desde quando se iniciou a série histórica, em 2013, a média mensal de vendas do segmento passou de 10 mil a 30 mil no final de 2019. A amostragem foi feita junto à pontos de venda dos principais varejistas de livros no país. De acordo com o entendimento do editor e fundador da editora Todavia, Flávio Moura, em entrevista ao Estadão em janeiro deste ano, essa retomada do setor editorial de política se deve ao momento por que passa não só o Brasil, mas os EUA e diversos países da Europa. “A democracia parecia um valor inquestionável, mas agora está sendo posto em questão, sobretudo por estes presidentes de extrema direita que têm assumido o poder”.

## Referências

ANDERSON, Perry. Brasil à parte. SP: Boitempo, 2010.

ALVES, Cíntia. A eleição disruptiva: como ascendeu – e como esvaziar – o bolsonarismo. Portal do jornal GGN, 08/07/2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/a-eleicao-disruptiva-como-ascendeu-e-como-esvaziar-o-bolsonarismo/>

Bak, J. S. e Reynolds, B. Literary Journalism across the Globe. Massachusetts: University of Massachusetts, 2011.

BRUM, Eliane. Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

CALEJON, Cesar; VIZONI, Adriano. A ascensão do bolsonarismo no Brasil do século XXI. SP: Lura Editorial, 2019.

CASARA, Rubens R.R. Bolsonaro, o mito e o sintoma. SP: Contracorrente, 2020.

COUTINHO, Manuel João de Carvalho. Desafios para a historiografia do jornalismo literário português. Comunicação pública. VOL.12 Nº 22 | 2017. Acesso em: 11/7/2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/1379#tocto1n2>

DE FRANCO, Augusto. Definindo por intenção o termo ‘bolsonarista’. Dagobah Inteligência Democrática. Publicado em 10/11/2018. Acesso em 12/7/2020. Disponível em: <http://dagobah.com.br/definindo-por-intencao-o-termo-bolsonarista/>

\_\_\_\_\_. Definindo por extensão o termo ‘bolsonarista’. Dagobah Inteligência Democrática. Publicado em 7/11/2018. Acesso em 12/7/2020. Disponível em: <http://dagobah.com.br/definindo-por-extensao-o-termo-bolsonarista/>

LIMA, Alceu Amoroso. O jornalismo como gênero literário. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

MAKLOUF CARVALHO, Luiz. O cadete e o capitão, a vida de Jair Bolsonaro no quartel. SP: Todavia, 2019.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. Intercom – RBCC, São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017. Acesso em 16/7/2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v40n3/1809-5844-interc-40-3-0021.pdf>

\_\_\_\_\_. O jornalista-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. Comunicação Midiática, v.9, n.1, p.56–77, 2014.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. A eleição disruptiva, porque Bolsonaro venceu. RJ: Record, 2019.

NEGRISOLI, Lucas. "Mais berro do que argumento", afirma autor de livro sobre Bolsonaro. Portal O Estado de Minas: 08/08/2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/08/interna\\_politica,978878/mais-do-berro-que-do-argumento-afirma-autor-de-livro-sobre-bolsonaro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/08/interna_politica,978878/mais-do-berro-que-do-argumento-afirma-autor-de-livro-sobre-bolsonaro.shtml)

OYAMA, Thaís. Tormenta – O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos. SP: Companhia das Letras, 2020.

PENA, Felipe. Jornalismo literário. São Paulo: Contexto, 2006.

SAAVEDRA, Victor. A ascensão do Bolsonarismo no Brasil no Século XXI - uma autópsia pertinente de olho nas eleições de 2020. Site da Agência Carta Maior: 22/09/2019. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Leituras/A-ascensao-do-Bolsonarismo-no-Brasil-no-Seculo-XXI-uma-autopsia-pertinente-de-olho-nas-eleicoes-de-2020/58/45304>

VIZEU, Rodrigo. Os presidentes: a história dos que mandaram e desmandaram no Brasil, de Deodoro a Bolsonaro. RJ: HarperCollins Brasil, 2019.

Weise, A. Jornalismo Literário: análise de reportagens de José Hamilton Ribeiro na revista Realidade. Anagrama, 6(3), 1-16, 2013. Acesso em: 30/7/2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/52396>

\_\_\_\_\_. Para compreender o jornalismo literário. Portal Observatório da Imprensa. Diretório Acadêmico. PROJOR – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. Edição n. 730, 22/1/2013. Acesso em 15/7/2020. Disponível em: <https://bitlybr.com/7Q6T0Q>

Wolfe, T. The birth of ‘The New Journalism’; Eyewitness report by Tom Wolfe. New York. Acesso em 12/7/2020. Disponível em <[www.nymag.com/news/media/47353/](http://www.nymag.com/news/media/47353/)>